

ENTREVISTA COM FERNANDA PEREIRA E SÓFIA CARMO, DO COLETIVO RETOMADAS EPISTEMOLÓGICAS

Fernanda Reis Nunes Pereira e Sofia Maria do Carmo Nicolau são as duas idealizadoras do Coletivo Retomadas Epistemológicas, que surgiu na Universidade Federal de Minas Gerais em agosto de 2019. A reivindicação inicial do Coletivo girava em torno da denúncia da invisibilização de autores e autoras negras, negros e indígenas no cerne das referências metodológicas e bibliográficas mobilizadas nas disciplinas obrigatórias do curso de Ciências Sociais e da proposição de sua inclusão junto às esferas administrativo-burocráticas do curso. A discussão permanece até os dias atuais como pauta em articulação no Colegiado. O Coletivo, porém, ganhou corpo e tem explorado outras possibilidades de intervenção e atuação. Em janeiro de 2020 inaugurou uma página no *Instagram*¹ na qual elaboram resenhas de obras teóricas e audiovisuais, além da divulgação e visibilização da obra e da vida de personalidades negras e indígenas.

Na entrevista a seguir conversamos com Fernanda e Sofia sobre a história do Coletivo e suas atividades, nas problemáticas do epistemicídio e na aposta nas Epistemologias Negras e Indígenas como protagonistas da produção intelectual. Boa leitura!

Revista Três Pontos: Boa tarde, meninas! Nós somos da Revista Três Pontos e estamos muito contentes em tê-las aqui com a gente para realizar essa entrevista de finalização da edição 17.2, o dossiê “Epistemologias Negras e Indígenas”. Para começarmos, como surgiu o Coletivo Retomadas Epistemológicas?

Sofia: Boa tarde! Então, primeiramente eu queria agradecer pelo convite. É uma oportunidade bem legal poder estar fechando essa edição e esse ciclo com vocês, e poder conversar sobre o Retomadas agora. E na verdade o Retomadas surge de um movimento anti-epistemicídio que começou no segundo semestre de 2019... Foi um movimento que veio para questionar essa lacuna epistemológica que existia no curso de Ciências Sociais. E houve um incômodo... era um incômodo muito grande essa pouca especificidade de autores negros e indígenas, então nós começamos a dialogar para que isso se tornasse... para que essa movimentação acontecesse, para fazer esse questionamento.

Revista Três Pontos: Fernanda gostaria de acrescentar alguma coisa sobre como surgiu o Coletivo?

Fernanda: Eu sempre conto a história de que o coletivo surgiu de uma conversa na frente do Centro Acadêmico [de Ciências Sociais], em que a minha colega Sofia chegou para mim e para um grupo de amigos muito indignada por causa da ementa dos cursos e do conteúdo que a gente estava vendo. E a partir dessa indignação dela, que foi também se tornando indignação dos nossos colegas, a gente também começou a reparar nisso e também começamos a nos mobilizar, pensando assim: “então o quê que a gente pode fazer pra mudar essa situação?”. Então a partir disso a gente começou a conversar mesmo com nossos colegas mais próximos e com os nossos amigos, e com as pessoas também que a gente achava que poderiam se interessar e se engajar. Então começou mesmo por esse grupo pequeno, e à medida que o tempo foi passando ele foi aumentando e nós fomos fazendo algumas atividades dentro do curso, e também começamos a agir a partir de duas faces do grupo: tanto aquela em diálogo com os professores, para fazermos uma mudança dentro do curso, quanto aquela em diálogo com os alunos, para também fazermos uma mudança na própria educação, no próprio conteúdo que a gente estava recebendo, que estava em falta. Então a gente percebeu que poderíamos [O Retomadas]

ser um ponto que poderia ajudar na formação desses alunos das Ciências Sociais.

Revista Três Pontos: Bom, e por que para vocês é importante a inclusão de intelectuais indígenas, negros e negras nas ementas do curso de Ciências Sociais?

Fernanda: Bom, desde o início a gente começou com o conceito da Sueli Carneiro – que acho que até foi um dos primeiros textos que a gente leu no grupo de estudos que fazíamos dentro do Centro Acadêmico –, o conceito de epistemicídio. Porque a gente começou a perceber que essa falta desses autores, ela não era simplesmente por uma real falta, uma não existência, mas uma sistemática exclusão que vem do racismo. E isso tem o nome, que é o epistemicídio. Então a gente começou a trabalhar com esse conceito e ler um pouco mais a Sueli Carneiro, e também outras pensadoras brasileiras para formular também as nossas atividades políticas. Então lutar contra o epistemicídio e também fazer essa inclusão desses autores é uma forma de ativismo contra o racismo que a gente pratica no curso diariamente com os professores e com os alunos.

Sofia: Uma coisa que é importante, acho que é essencial da leitura de autores negros e indígenas, é que essa lacuna gera efeitos. O epistemicídio gera efeitos na nossa formação. E aí é muito importante a leitura de autores negros e indígenas exatamente porque eles trazem uma nova perspectiva, eles vão tensionar a forma com que as Ciências Sociais está produzindo conhecimento. Vão tensionar os antropólogos, sociólogos e cientistas políticos que já estão escrevendo há muito tempo. Vão fazer diálogos com eles que são importantes para nossa formação e que a gente tem deixado passar. E aí uma coisa que a gente tem sempre falado no coletivo é que o racismo é estruturante, então não podemos ignorar ele quando estamos fazendo uma análise da estrutura social brasileira. Não tem como ignorar os efeitos disso, e a gente não pode ignorar que os autores estão pautando as questões raciais, as questões étnico-raciais. Então é extremamente importante a gente pensar esses autores tanto como um tensionamento, como uma forma de trazer uma outra perspectiva, e eu acho que uma coisa que perpassa sempre os nossos grupos de formação, de estudos, no Retomadas, é exatamente essa ideia de que precisamos criar novos cientistas sociais, e ler outros grupos que não esse grupo hegemôni-

Camila Penaforte
Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG.

Contato:
<camila.penaforte.penaforte@outlook.com>

Tulio Henrique Gomes da Silva
Bacharel e Licenciado em Ciências Sociais e mestrando em Antropologia Social pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG.

Contato:
<tuliohenrique19@gmail.com >

1 O Coletivo Retomadas Epistemológicas está no Instagram como <@retomadasepistemologicas.>

ço que tem sido lido na academia há tanto tempo. É extremamente importante para nós formar essa nova geração de cientistas sociais que está muito mais engajada e que tem uma compreensão mais profunda da estrutura social da sociedade brasileira.

Revista Três Pontos: E como vocês avaliam que as demandas do grupo foram recebidas pelos órgãos administrativos, o corpo estudantil e o corpo de professores do curso de Ciências Sociais?

Sofia: Foram reações diversas dependendo do grupo que estamos falando. Eu acho que os alunos foram bem mais receptivos. Inclusive, os nossos grupos de formação no início eram bem abertos e a galera participava de uma maneira bem intensa. Então acho que os alunos apoiaram bastante, os discentes das Ciências Sociais apoiaram bastante a movimentação. Mas a reação dos professores não foi exatamente... não foi muito boa. Porque a nossa proposta é meio que contrária ao *status quo* do curso, então eu acho que os professores não foram muito receptivos a essa mudança, que é uma mudança muito intensa. Alguns professores ajudaram e aderiram a movimentação. Algumas matérias foram ofertadas, mas outros professores tiveram uma reação bem... não muito agradável ao movimento.

Revista Três Pontos: A Fernanda quer acrescentar alguma coisa?

Fernanda: Nós tivemos muita parceria com os estudantes, até pela presença deles nos grupos [de formação]. E também pela ajuda na divulgação, na conversa ativa com os professores de cada matéria. Isso foi uma coisa bem interessante, estudantes que não estavam necessariamente ligados ao núcleo do movimento começaram a conversar e questionar com os professores sobre a matéria deles. Por exemplo, algumas matérias que poderiam muito bem ter alguns autores que a gente sempre pauta, que nós começamos a ler por fora nos nossos grupos de estudos... [os alunos] começaram a questionar o porquê de não haver esses autores [nas matérias]. Então foi interessante essa atividade dos alunos. Também foi interessante ver a aproximação de alguns professores com essa pauta, mas também sempre pontuar que é uma questão até hoje de grande resistência por parte do corpo docente. Mas também é uma questão que daqui para frente a gente acredita que não tem como dar um passo atrás. Simplesmente se mover à frente. Então a gente espera que esse processo seja sempre feito com uma parceria com os docentes, mas se caso não exista, com certeza os discentes vão continuar a pautar isso.

Revista Três Pontos: Quais são as atividades exercidas pelo Coletivo? Quais atividades vocês fazem na UFMG e fora da UFMG também?

Fernanda: Quando começamos a gente tinha pensado inicialmente em algumas reuniões, que chamamos de "grupos de formação anti-racistas". Pessoalmente na UFMG a gente acabou fazendo uns seis encontros, em que nesses seis encontros a gente lia alguns autores que nos interessavam, as temáticas. Então lemos a Sueli Carneiro, Audre Lorde, Lélia Gonzalez, e a gente foi passando por essas pensadoras e discutindo. Quando estávamos pessoalmente, cada um levantava um ponto do tex-

to que achava interessante, conectava com alguma situação da vida e etc. E a gente teve também um encontro em que passamos um documentário, um outro em que um colega nosso apresentou uma peça de teatro, uma performance que ele fez muito interessante, e depois depois desse momento, quando passamos para [o ensino] remoto, as nossas atividades mudaram um pouco, mas também no sentido positivo de ter ampliado. A gente começou a fazer algumas outras atividades online, continuando com o grupo de formação anti-racista, mas também fazendo um *Instagram*, porque pensamos que poderíamos divulgar os nossos conhecimentos, tudo aquilo que estávamos adquirindo e discutindo internamente, e também nos grupos de formação, para mais pessoas, o que deu muito certo. Cada vez mais há mais pessoas conversando com a gente nas redes sociais e se tocando, também, pela nossa pauta, e achando interessante o conteúdo que divulgamos. E também estamos com outros projetos em mente para fazer, a gente continuou com o grupo de formação online, a gente fez um grupo de estudos já, e vamos continuar com ele. A primeira edição [do grupo de formação] que fizemos foi do Fanon, "Pele Negras Máscaras Brancas". Nesse próximo semestre vai acontecer um outro grupo de estudos. Também teremos novidades vindo por aí, que não vou divulgar agora, mas em breve vocês vão ver. Isso é interessante, porque a gente está sempre ampliando as nossas atividades. E tudo o que a gente pode fazer estamos sempre fazendo, porque queremos que mais pessoas saibam sobre isso, que mais pessoas também se toquem por essa pauta e também comecem a fazer as mudanças no próprio lugar que estiverem, seja na universidade, seja em escola ou no trabalho, mas que também possam fazer essas discussões.

Sofia: Vou só acrescentar que um grupo [do Coletivo] que está mais ligado ao cinema e às produções audiovisuais criou o Cine Retomadas, que é um projeto bem legal e que também vai continuar. E também ofertamos um minicurso e provavelmente vamos ofertar outro. Estamos nesse processo de estudo. É um processo de entrada e saída, o Retomadas. Temos nossas reuniões internas, nossos diálogos, e além desse trabalho de divulgação, temos feito esse trabalho de grupo de estudos e desses minicursos. Então é um trabalho de diálogo interno e externo.

Três Pontos: Como surgiu a ideia de expandir as atividades do Coletivo para além da academia?

Sofia: Vem muito de uma ideia que a gente tem conversado, que, na verdade, a gente tem trabalhado um pouco mais recentemente, que é de não pensar essa retomada de saberes como uma retomada de saberes que fica na academia. Não só produções escritas, artigos acadêmicos ou livros, mas outras formas de conhecimento que também são válidas. Então quando a gente trabalha com o Cine Retomadas, por exemplo, ou quando a gente vai divulgar algum filme ou álbum, ou no grupo de formação mesmo, que a gente trabalha outros tipos de produções que não acadêmicas de fato, eu acho importante pensar essa ampliação.

Fernanda: Basicamente isso, e também uma vontade nossa de sempre fazer mais. As pessoas que estão mais envolvidas no Coletivo sempre têm ideias

novas e se engajam muito na pauta. Porque a pauta também faz parte de quem estamos nos construindo hoje, de quem a gente é, então sempre temos uma vontade de ampliar todas essas atividades que fazemos para conseguir abranger o máximo de conteúdo e também de pessoas que conseguirmos.

Três Pontos: Qual a importância de se publicar uma revista científica apenas com trabalhos de autores negros, negras e indígenas?

Sofia: É um processo interessante exatamente como um ajustamento anti-epistemicídio, como esse nosso foco de resistência ao epistemicídio. É extremamente importante centralizarmos esses autores e a produção dessas pessoas negras e indígenas exatamente por esse processo de apagamento. É uma forma de visibilizar essas produções. E uma coisa importante, uma coisa que a própria Fernanda sempre fala, é que não precisamos centralizar raça e gênero como pauta. Poderia ser uma revista somente com a temática de relações sociais ou de epistemologias negras e indígenas, mas é muito importante que sejam pessoas negras e indígenas produzindo sobre isso. E é exatamente isso que estamos fazendo no Retomadas. A autoria é importante, o lugar do qual a pessoa fala é importante para a produção que ela está fazendo. Então eu acho que essa edição específica é importante por isso.

Fernanda: Complementando, uma coisa que a gente discute muito dentro do Coletivo é como que as produções de pessoas negras e indígenas não são publicadas da mesma forma com que as produções de pessoas brancas. Às vezes tem um preterimento nesse sentido, então ter um espaço para isso é muito importante. Nós também sempre estamos conversando sobre a questão de traduções de textos e como que alguns textos que são muito grandes, muito básicos não são traduzidos para o português, que são produzidos por pessoas negras e/ou indígenas, e às vezes outros textos que não possuem tanta relevância assim são traduzidos em massa e circulados em massa. Então a gente precisa sempre estar olhando para esse sentido, como que esse mercado editorial também funciona nessa lógica de sempre estar publicando mais pessoas brancas do que pessoas negras e indígenas. Então ter uma revista que vai contra esse modo hegemônico é muito importante.

Três Pontos: Como o Coletivo influencia na formação de vocês como pessoas, como pesquisadoras e como sujeitos?

Fernanda: Bom, eu acho que essa pergunta eu posso responder de várias formas, seja em uma resposta de cinco minutos ou uma de trinta, uma hora. Porque é uma questão muito profunda e que se tornou muito basilar da minha formação, não só enquanto cientista social, mas enquanto Fernanda também. Desde que eu entrei na Universidade, participar das movimentações de grupos e coletivos do movimento negro foram essenciais para continuar nesse rumo e querer continuar também para uma futura pós-graduação. São essas coisas, são as pessoas que fazem parte disso que nos dão forças para continuar e para sempre continuar na luta contra o racismo, porque a gente sabe muito bem que é um processo bem doloroso e difícil em certos momentos, mas também quando a gente está nesses coletivos, quando

a gente está nesses espaços que a gente tem essa troca, pode ser uma situação muito esperançosa e prazerosa também de conhecer pessoas que estejam pensando a mesma coisa, que passaram por situações semelhantes e que também estão lutando no mesmo caminho, estão do mesmo lado da trincheira. Então, acaba que fazer parte do Retomadas e também dessas movimentações que são grandes pautas do movimento negro brasileiro atualmente, são muito significantes porque são a partir delas e dessa luta política que eu me formo. Não só eu, mas também todos que estão ali nessa luta, porque a partir do Retomadas que eu conheci o trabalho de Lélia Gonzalez, de Sueli Carneiro, e eu fico pensando quando que eu iria ter conhecido essas mulheres, a produção dessas mulheres. E não só elas, mas muitas outras. Quase que 90% das pessoas que hoje eu conheço, que eu cito, que eu falo sobre, que eu me empolgo foram por causa desse movimento, e que é um movimento muito potente porque é um movimento que nos pega como pessoas e nos coloca em uma posição de embate contra essa hegemonia que impera na academia e nas Ciências Sociais também. Então ele nos coloca em uma situação de conflito em que nós temos que tomar atitudes, então a partir disso a gente começa a se formar também. A partir do momento que você tem que confrontar alguém que diz que não há, que não existe, não há a existência do epistemicídio, a gente se forma para saber o quê que é isso. A gente se forma para saber como que isso nos atinge, e a gente também se forma para saber quais são todas as inúmeras nuances e efeitos do racismo no Brasil hoje. E a gente percebe que estamos no meio do furacão. A gente tá no meio desse furacão e estamos tentando parar ele de toda forma para que menos vidas sejam perdidas e que no futuro não haja essa forma de hierarquia e opressão. Então esse movimento é muito importante para mim porque forma quem eu sou, e eu vou levar, com certeza, para o resto da minha vida todos os ensinamentos que o Retomadas trouxe para mim e que o movimento negro no geral e outros coletivos também trouxeram para mim. E vou também sempre estar com esse ímpeto que eu adquiri na minha juventude, esse ímpeto de sempre estar lutando e sempre querendo mais do que a realidade é hoje, porque eu acho que a gente pode muito mais e juntos a gente consegue. Sozinhos a gente percebe que é muito mais difícil e muito solitário e muito dolorido, mas juntos percebemos que essa luta realmente é efetiva e que ela pode surtir mudanças como a gente tá vendo, que já mudamos muita coisa em dois anos de Coletivo, e a gente já conseguimos mudar muita coisa dentro do Curso de Ciências Sociais. E eu tenho certeza que desde quando começamos, os alunos que começaram a se formar também mudaram muito. Os alunos que formavam antes dessas pautas e os alunos que estão formando depois. E isso é um ciclo, eu tenho certeza que todas as pessoas que participam hoje, então todas as pessoas que de alguma forma foram tocadas por essa pauta vão continuar pensando sobre isso, falando sobre isso, e isso para mim já é uma grande vitória.

Sofia: Eu concordo com a Fernanda em tudo. O Coletivo tem sido muito central para minha formação, tanto quanto cientista social tanto quanto sujeito, como uma pessoa que agora atua em coletivo, e eu acho que essa é uma das coisas mais importantes porque eu nunca tinha atuado em nenhum tipo de

coletivo. Foi a primeira vez que eu tive esse tipo de movimentação com outras pessoas negras e trabalhando exatamente a pauta racial como central. E isso com outras pessoas fica muito mais tangível porque sozinho a gente sente uma sensação de impotência. Então, assim como a Fernanda, eu realmente acredito que é muito importante essa atuação em coletivo. Um outro aspecto que é extremamente importante para mim no Retomadas é um processo de autodefinição intelectual, porque o epistemicídio atinge a gente de maneira individual, então entrar nesse Coletivo me fez perceber que a minha produção de conhecimento é válida. Antes disso parecia que eu não conseguiria produzir conhecimento e se eu produzisse ele não seria de fato reconhecido, porque é isso que acontece e tem acontecido há anos com a produção de pessoas negras e indígenas. Então esse processo de autodefinição intelectual é extremamente importante na minha trajetória, esse processo de compreender que eu sou capaz de pro-

duzir conhecimento válido, assim como meus colegas de Coletivo. Então é um processo bem interessante. O Coletivo me transformou completamente. É uma coisa que eu e outras pessoas que também estão no Retomadas sempre falamos é que mudou completamente nosso rumo acadêmico. Sem o Retomadas eu estaria indo para um outro rumo, acho que monografias seriam feitas de outras formas. As nossas pesquisas foram se encaminhando por um caminho totalmente diferente. Então foi muito transformador. O Retomadas é uma edificação muito intensa na nossa formação e eu espero e acredito que vai ser também uma transformação na formação de outros cientistas sociais que também estão em contato com a gente.



Crédito às Ilustrações

Fernanda Kaippert

Ilustra a capa

Sou Fernanda. Estudante de Psicologia, que percebeu a arte como uma força poderosa de terapia e como uma ponte para dentro de mim. Por meio dela, me encontro – e mais importante – me expresso de infinitas maneiras.

Contato: <https://www.instagram.com/fk_artess>

Abdou Eid Junior

Ilustra a página 3, 72 e 89

Um homem redundante que na vã tentativa de se proteger de um mundo em ruínas se escondeu num casebre desabando e hoje jaz se tornando um soldado morto que parece murmurar protegendo sua preciosa fortaleza.

Formado em Artes Visuais pela UNESP, lecionando Artes na rede pública de São Paulo.

Contato: <<https://www.instagram.com/abdamed>>

Carolina Saidenberg

Ilustra a página 48

Carolina Saidenberg é artista plástica paulistana, desenha e pinta desde criança.

Artista visual, designer e ilustradora, morou por um breve período na Itália em 2011, onde realizou residência artística e estudos em desenho de moda e joalheria. A partir de então tem participado de exposições nacionais e internacionais.

Destacam-se entre elas a exposição individual em Paris pela galeria Monod em 2013, a individual “Gueisha” pela galeria Amí em São Paulo, 2014 e a exposição em dupla com seu pai, “Saidenberg: pai e filha” realizada no Círculo Militar em 2015. Em 2018 realizou a exposição “Malabaristas Urbanas” em *Piolla and arts*, São Paulo.

Contato: <<https://carolinasaidenberg.com/gallery>>

Cleide Aparecida Gonçalves de Sousa

Ilustra a página 80

Professora de educação infantil e de Yoga. Pedagoga com especialização e mestrado em lazer (UFMG). Autodidata em desenho, pintura e aquarela, a ilustração é um instrumento de diálogo com o universo infantil no meu trabalho e uma maneira de expressão que elegi desde criança para transitar pelo mundo.

Contato: <<https://www.instagram.com/cleideilustradora>>

Gabriel Lyon Figueiredo dos Santos

Ilustra a página 58

Sou o Lyon, um piauiense itinerante que insiste em contar sua própria história através de toda a arte que respira. Curso Arquitetura e Urbanismo na Universidade de Brasília e estudo áreas de representação visual das mais variadas formas. Tive contato com desenho na minha infância através de minha avó Raylda Ubiraci que é artista plástica e com o artesanato através de minha mãe Mônica Eugênia. Desde então, tento manter um intenso contato com os incríveis campos da arte. Uma das minhas mais fortes formas de expressão é a fotografia e ela é responsável por me fazer enxergar todos os retratos que hoje se apresentam invisíveis aos olhos corriqueiros dos mais adversos transeuntes que permeiam nossos territórios.

Contato: <[@uohlyon](https://www.instagram.com/uohlyon)>

Igor Maciel da Silva

Ilustra as páginas 21, 53 e 66

Doutorando em Estudos do Lazer pela UFMG. Desenha nas horas “vagas”.

Contato: <[@euoigor](https://www.instagram.com/euoigor)>

Isadora Sousa Cardoso

Ilustra a página 86

Isadora Cardoso, vulgo Adora, faz o curso de Letras na Unioeste em Foz do Iguaçu. A artista nordestina de origem piauiense sempre escreveu e desenhou desde bem cedo, mas começou a fazer estudos com as pinturas em aquarela cerca de um ano e meio, desde então não parou mais, seu atual projeto ‘Mulheres Escritoras’ está sendo divulgado aos poucos através do instagram mas por lá também há vários tipo de desenhos e estudos. Tem sempre como tema principal a mulher, seja em pintura ou poesia, para demonstrar sentimentos providos de si e da luta feminina.

Contato: <<https://instagram.com/adora.jpg?igshid=fx3fykrun5ez>>

Ismael Vicente Maligeri da Silva

Ilustra a página 37 e 82

Desenhar sempre foi uma coisa muito importante para mim, era onde eu podia gastar minha criatividade, mas ao mesmo tempo sou muito ligado às ciências exatas, então minha família toda esperava que eu me tornasse um engenheiro ou algo do tipo, e adivinhem só?! Estou cursando design gráfico e meus maiores trabalhos até agora foram no ramo de ilustração.

Recentemente peguei meu primeiro grande trabalho com ilustração no livro Nhamandu Histórias Não Contadas, desenvolvido por alunos do Colégio Penha de França em SP, onde tive o prazer de poder representar muito da nossa cultura nacional e agora continuarei estudando e procurando novos trabalhos para desenvolver minhas ilustrações

Contato: <designgrafico.ismael@gmail.com>

Laura Zanon Irineu

Ilustra as páginas 28, 29 e 93

Ilustradora de fundo de gaveta e poetisa de primeira viagem, busca representar, na maioria de suas obras, a figura da mulher negra e empoderamento feminino além de exteriorizar lutas internas. Autora de desenhos em aquarela, marcadores e canetas, Laura abusa de cores fortes e traços finos. Sua arte busca incessantemente competir com suas erupções internas, mas nunca obtém sucesso.

Suas últimas exposições foram a partir do projeto 16 dias de Ativismo pelo fim da Violência contra as mulheres 2019 na instituição CRAM, Foz do Iguaçu.

Contato: <<https://www.instagram.com/udiariodebordo>>

Nirvana dos Santos Gonçalves

Ilustra a página 57

Formada em Arquitetura e Urbanismo na UnB, fez intercâmbio no Canadá pelo CsF e tive a oportunidade de entrar em uma universidade de Design e Belas Artes, onde fiz aulas de desenho e ilustração.

Contato: <<http://www.instagram.com/nirvsantos>>

Nominata

Agradecemos àqueles/as que atuaram como pareceristas no volume 17, número 2, Dossiê Epistemologias Negras e Indígenas, por sua criteriosa dedicação e sempre gentil avaliação dos textos submetidos.

Ana Beatriz da Silva – <biapossocial@gmail.com> – Doutoranda em Geografia pela UFF.
Ane Caroline dos Santos – <caroline.anesantos43@gmail.com> – Mestranda em Antropologia pela UFGD.
Aparecida das Graças Geraldo – <cidagerald@gmail.com> – Doutora em Educação Escolar pela UNESP.
Caruanã Guatara Oliveira Frescurato – <vjdobf@gmail.com> – Mestre em Educação pela UFRRJ.
Christian Carlos Rodrigues Ribeiro – <christianribeiro@outlook.com> – Doutorando em Sociologia pela UNICAMP.
Cledenice Blackman – <cledenice.blackman@ifro.edu.br> – Doutora em Educação pela UNESP.
Cristiane Soares de Santana – <cryshistoria@hotmail.com> – Doutora em História Social pela UFBA.
Daniel Carvalho Cisneiros Silva – <dcisneiros@gmail.com> – Mestre em Direitos Humanos pela UFPE.
Dhyego Câmara de Araujo – <dhyegohirota@hotmail.com> – Doutorando em Direito do Estado pela UFPR.
Domingos Alves de Almeida – <domingos.jzufma@gmail.com> – Doutorando em Mídia e Cotidiano pelo Instituto de Arte e Comunicação Social – IACS II, da UFF.
Ellen Nagasawa – <ellennagasawa@gmail.com> – Doutoranda em Letras pela UFRGS.
Fernanda Ribeiro de Salvo – <fernandasalvo@hotmail.com> – Pós-Doutora pela PUC MG.
Francilene do Carmo Cardoso – <negafranci@yahoo.com.br> – Doutora em Serviço Social pela UFRJ.
Gabriela Sousa Ribeiro – <gabrielasousaribeiro@gmail.com> – Professora e pesquisadora do IFRJ.
Greciane Neres do Nascimento – <grecianeneres@gmail.com> – Mestre em Arqueologia pela UFS.
Jaqueline de Oliveira e Silva – <jaqueoliveiraesilva@gmail.com> – Doutoranda em Antropologia pela UFMG.
Jordana Cristina Alves Barbosa – <jordana.kristina@gmail.com> – Doutoranda pela UNICAMP.
Joyce Gonçalves Restier da Costa Souza – <joyce.grsouza@gmail.com> – Mestre em Ciências Sociais pela PUC RJ.
Jussara Santana de Araújo – <profjussara@yahoo.com.br> – Mestranda pela UNEB.
Laila Thaís Correa e Silva – <lailacorreaesilva@gmail.com> – Doutoranda pela UNICAMP.
Luana Mayer de Souza – <lumayersz@gmail.com> – Doutoranda pela PUC-RJ.
Luís Carlos Ferreira dos Santos – <lcarlosfsantos@gmail.com> – Doutor pela UFBA.
Luiz Carlos Siqueira Filho – <siq.luizc@gmail.com> – Doutorando pela UFG.
Maria Caroline Marmerolli Tresoldi – <carolinetresoldi@gmail.com> – Mestre pela UNICAMP.
Marluce da Silva Santana – <marlucesantanaseso@gmail.com> – Mestranda pela UFBA.
Mônica Da Silva Francisco – <amonicafrancisco@gmail.com> – Doutorando pela UFRRJ.
Naiara Martins Barrozo – <naiara.barrozo@gmail.com> – Doutoranda pela UERJ.
Patrick Monteiro do Nascimento Silva – <pmonteirons@gmail.com> – Mestrando pela UFF.
Rafael Franklin Almeida Bezzon – <rafaelbezzon@gmail.com> – Doutorando em Ciências Sociais pela UNESP.
Roberta Ferreira Sandim Soares – <robertasandim@gmail.com> – Mestre pela UFRRJ.
Rolf Ribeiro de Souza – <rolfsouza@id.uff.br> – Doutor pela UFF.
Rosalvo Ivarra Ortiz – <rosalvortiz@hotmail.com> – Graduado em Ciências Sociais pela UFGD.
Rúbia Rúbio-Schrage – <georubiarubio@gmail.com> – Doutora em Geografia pela UNB.
Tailon Aparecido Gomes Garcia – <tailon.1@hotmail.com> – Mestre em Ciências Sociais pela UFU.
Thalita Rodrigues – <rodrigues.thaalita@gmail.com> – Doutoranda pela UFMG.
Vandeilton Trindade Santana – <wander.sam@gmail.com> – Mestre em Educação e Contemporaneidade – UNEB.
Vinebaldo Aleixo de Souza Filho – <vinealeixo@gmail.com> – Doutorando em Sociologia pela UNICAMP.

Preservado em:



Cariniana

Rede Brasileira de Serviços de
Preservação Digital



Centro Acadêmico
de Ciências Sociais

U F M G